

**A TRANSITIVIDADE DE VERBOS DE MOVIMENTO  
NA PERSPECTIVA FUNCIONALISTA DA LINGUAGEM:  
ANÁLISE DO VERBO "MUDAR"**

*Alfredo Evangelista dos Santos Neto* (UFES/PIVIC)

[alfredo.evangelista@hotmail.com](mailto:alfredo.evangelista@hotmail.com)

*Lúcia Helena Peyroton da Rocha* (UFES)

[lhpr@terra.com.br](mailto:lhpr@terra.com.br)

**RESUMO**

Este artigo apresenta resultado de nossa Pesquisa desenvolvida no Núcleo de Pesquisas em Linguagens, desenvolvida na UFES, sob a coordenação da Profa. Dra. Lúcia Helena Peyroton da Rocha. Tem como objetivo analisar, descrever e explicar o funcionamento de verbos de movimento em situação de uso. Entendemos por verbos de movimento aqueles que codificam deslocamento de objetos, que expressam uma trajetória, descrevem a direção do movimento, de forma implícita ou explícita etc. Ex.: *Pedro colocou o livro na estante. João mudou para Vitória. Ana tirou a mesa da sala 3. Pedro trouxe os livros.* Dentre os verbos estudados, apresentaremos o funcionamento do verbo "mudar" em textos escritos coletados em *site* de pesquisa da *Web*. Para dar conta do objeto de nossa pesquisa, usaremos como aportes teóricos a gramática de valências de Borba (1996) e o funcionalismo linguístico (GIVÓN, 1995, 2001; HOPPER; THOMPSON, 1980). Esperamos que os resultados deste estudo, juntamente com os demais realizados, em nosso Núcleo de Pesquisas, revertam em benefício do ensino das redes públicas e privadas do estado do Espírito Santo.

**Palavras-chave:** Verbos de movimento. Transitividade. Valências. Funcionalismo.

**1. Introdução**

Uma revisão da literatura, no que tange aos verbos, na perspectiva tradicional, evidenciou que os verbos, tradicionalmente, são estudados dentro de uma parte que é destinada à morfologia, ora na parte que é designada à sintaxe. Tomamos como ponto de partida as proposições de Rocha Lima (2007) e Bechara (2005), com vistas a observar como esses dois expoentes posicionam-se frente ao verbo. E, dentro uma perspectiva mais linguística investigamos a posição de Ilari e Basso (2008), uma vez que ampliam a compreensão sobre verbo adotada por vários gramáticos.

Rocha Lima (2007) define verbo como

expressão de um fato, um acontecimento: o que se passa com os seres, ou em torno dos seres. É a parte da oração mais rica em variações de forma ou acidentais gramaticais. Estes acidentais gramaticais fazem que ele mude de forma

para exprimir cinco id3ias: modo, tempo, número, pessoa e voz. (LIMA, 2007, p. 122).

Rocha Lima assegura que há diferentes formas que alguns gramáticos chamam de modos, ao lado dos modos indicativo, subjuntivo e imperativo. Todavia, afirma que são formas nominais do verbo, afinal, não possuem encargo exclusivamente verbal: o infinitivo, o particípio e o gerúndio.

Bechara (2005, p. 249) conceitua verbo como “uma unidade de significado categorial que se caracteriza por ser um molde pelo qual organiza o falar seu significado lexical”. Ele diferencia predicado verbal e nominal, abordando a discrepância dos verbos em nocionais e relacionais, alertando que esta subclassificação tem sido colocada em questionamento dentre os linguistas modernos, visto que, no campo sintático, até mesmo quando o verbo tem um significado amplo e vago, o núcleo da oração sempre será o verbo.

Ilari e Basso (2008, p. 164) propõem um estudo sobre os verbos, que se coaduna, em grande parte, com a nossa proposta, porque admitem que tratá-los evidenciando as inúmeras formas que compõe no paradigma de conjugação, como é feito pelos gramáticos tradicionais, é negligenciar as várias funções que são desempenhadas pelo verbo no discurso e na comunicação. Por isso, advogam no sentido de que o verbo possui funções, como a de ser matriz para a construção de sentenças. Os autores afirmam que determinados verbos preveem o preenchimento de determinados espaços lexicais. Sendo assim, buscamos por meio das teorias que subsidiam nossas análises observar como esses espaços são preenchidos pelo verbo "mudar" em contexto que é utilizado como verbo de movimento. Entendemos por verbos de movimento aqueles que sistematizam deslocamento de objetos, que apresentam um trajeto, relatam a direção do movimento, tanto de maneira explícita quanto implícita.

Os verbos de movimento desempenham um papel importante dentro da subclasse dos verbos dinâmicos. Nessa perspectiva, a proposta deste artigo é apresentar um recorte da pesquisa maior, realizada na Iniciação Científica, em que outros verbos de movimento foram estudados. Nesse recorte, pretendemos mostrar a análise, a descrição e a explicação do verbo "mudar", quanto ao seu funcionamento e a sua natureza morfosintática, semântica, discursiva e pragmática.

Esses verbos, por apontarem a locomoção de um determinado objeto no espaço, faz-nos presumir que haja, na sua estrutura argumental,

um locativo-origem e um locativo-meta, equivalentes ao ponto de partida e ponto de chegada, respectivamente, de um objeto qualquer (objeto direto, segundo esquema genérico [X1 + V ± X2 + Loc-Or + Loc-Met]). Um exemplo decorrente disso é encontrado em Ignácio (2002), como pode ser observado em: *João transporta madeira do Pará para São Paulo*. Em que: *madeira*, substantivo de natureza concreta, codifica sintaticamente o objeto direto do verbo "transportar", do exemplo de Ignácio (2002), e "transportar" comporta-se como verbo de ação-processo, empregado com o sentido de "conduzir de um lugar para outro". Dessa forma, a rede argumental tem seus quatro lugares preenchidos, nos termos da gramática de valências. (BORBA, 1996)

Ignácio (2002), em seu livro "Análise sintática em três dimensões", apresenta-nos o verbo de um ponto de vista diferente, tratado como o centro estruturador da oração, ou seja, é aquele que comanda toda a estrutura oracional, não o sujeito. A partir dessa proposição, utilizaremos para a análise que faremos, a orientação argumental já prevista pela gramática de valências e também posta em discussão por Hopper e Thompson (1980) e Thompson e Hopper (2001), a partir de uma óptica funcionalista da língua, em que se estuda a linguística baseada no uso, levando-se em consideração todo o contexto linguístico e a situação extralinguística. De acordo com essa concepção, trataremos a sintaxe como uma estrutura que estará sujeita a mutações frequentemente, em virtude de pressões do uso na interação comunicativa.

Por conseguinte, este trabalho se justifica na medida em que revisa os estudos de caráter tradicional, adota uma teoria e recomenda analisar fenômenos linguísticos, levando em consideração a língua em uso efetivo e prever uma nova perspectiva de estudo dos verbos. Por esse sentido também que se torna importante e significativo.

## 2. *Aporte Teórico*

### 2.1. Gramática de valências

A gramática de valências, ou "gramática de dependências", ou "teoria dos predicados", modelo teórico, cuja origem foi atribuída a Tesnière (1969) na obra *Éléments de Syntaxe Structurale*, possui a finalidade de caracterização das relações de dependência, ou seja, descrevem todo o contexto estabelecido entre o predicador e seu escopo. Além de verbos, funcionam também como predicadores os adjetivos, substantivos e al-

guns advérbios. Concordando com a proposição de centralidade dos verbos, Borba (1996) propõe sua gramática de valências do português.

Baseando-nos na centralidade verbal, a oração é estruturada a partir da valência verbal, ou seja, cada verbo possui um número de elementos obrigatórios com valor sintático/semântico, a obrigatoriedade dos elementos ocorre para que sejam preenchidas as “casas vazias” da estrutura oracional. Na gramática de casos, tais elementos executam funções semânticas como instrumental, agente, paciente etc. Esses são chamados de casos ou papéis semânticos ou papéis temáticos. E, a partir do momento em que adotam funções de constituintes oracionais são também chamados de argumentos. (BORBA, 1996; IGNÁCIO, 2002)

Um verbo pode ser analisado tanto em função do número de complementos que exige; daí ter a configuração quantitativa (valência quantitativa), quanto ao tipo de complementos que seleciona (valência qualitativa). Desse modo, o verbo “mudar”, por exemplo, poderá ser trivalente ou tetravalente, dependendo do número de elementos que se fazem obrigatórios em sua realização. Pode assim, exigir no mínimo três elementos (*Neymar mudou de São Paulo para Barcelona*), mas, há também a possibilidade de encontrarmos quatro elementos (*João mudou o porta-retrato da sala para o quarto*).

Borba (1996, p. 46-57) discursa sobre valência quantitativa, sintática e semântica: (i) refere-se a quantidade de argumentos necessários para o preenchimento dos “espaços vazios”. Desse ponto de vista, um elemento lexical poderá ser aivalente ou monovalente, bivalente, trivalente ou tetravalente. (ii) valência sintática, qualitativa ou morfossintática leva em consideração as particularidades dos actantes, ou seja, da ocupação do espaço vazio por determinadas classes com suas propriedades morfológica; (iii) decorre da necessidade de traços que caracterizam os argumentos, isto é, um verbo como “trabalhar”, por exemplo, pode selecionar apenas um elemento codificado sintaticamente como sujeito e semanticamente como agente. (Cf.: *Pedro trabalha*).

A gramática de valências se mostra um importante aporte teórico, uma vez que, na medida em que nos permite analisar a língua em uso, em que elementos podem ser exigidos pelo verbos, dependendo do que pretendemos comunicar, coaduna-se com a perspectiva funcionalista, já que também estuda a língua em percurso, não trabalha com categorias discretas e a representação sintático-semântica dos verbos é descrita através de

## XIX CONGRESSO NACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOLOGIA

uma análise do contexto, diferentemente das descrições de cunho formalista, como pudemos observar na gramática tradicional.

### 2.2. Funcionalismo

O funcionalismo é uma vertente linguística que, diferentemente dos estruturalistas e gerativistas, estuda a língua em sua interação social. Sendo assim, o uso da linguagem cotidiana estabelece a estrutura gramatical. Dessa forma, o linguista deve observar cada detalhe comportamental do usuário da língua para compreender o funcionamento da linguagem, como esclarece Martelotta (2003) em seu capítulo “A visão funcionalista da linguagem no século XX”.

Os funcionalistas entendem por gramática as diversas habilidades estratégicas idealizadas para se compor um discurso. O discurso, por sua vez, é o atual estado da linguagem em circulação, podendo se modificar com o passar do tempo.

Está presente nas convicções de Martelotta (2006), em um capítulo destinado ao funcionalismo, a ideia de que a língua traduz os pensamentos, o que remete ao conceito de iconicidade. Existem três subprincípios relacionados a ideia de iconicidade: da ordenação sequencial, da quantidade e da integração, todos eles refletem a estrutura em si da língua, a maneira que nós trabalhamos as informações e o modo que nos adaptamos as diferentes informações do universo biossocial quando entramos em contato com o outro.

Um outro princípio funcionalista é o denominado princípio de marcação, que se caracteriza por obtermos algumas formas linguísticas marcadas e outras não marcadas, no sentido que, as marcadas possuem pouca frequência de uso, são mais complexas e causam estranheza. Há uma relação de marcação com expressividade. Acredita-se que as estruturas mais comuns, quando muito utilizadas perdem a expressividade. Por outro lado, as menos comuns tornam-se mais complexas e menos utilizadas, sendo assim, mais expressivas.

Em suma, tratando-se do funcionalismo, a gramática é formada pela organização de um conjunto de peças estratégicas recorrentes no falar cotidiano, criadas e desenvolvidas por meio do discurso.

2.2.1. Transitividade segundo Hopper e Thompson

Ainda que Hopper e Thompson (1980) tenham se inspirado no modelo mais tradicional do conceito de transitividade, a proposta estabelecida por eles vai muito além de ser transitivo (precisar de algum complemento) ou ser intransitivo (prescindir de complemento). No que diz respeito à transitividade, os autores admitem que para que ela seja realizada, é preciso que haja uma transferência de uma ação de um agente para um para um paciente, e completam que quanto maior é essa transferência, mais transitiva a será a sentença.

Hopper e Thompson (1980) adotam a transitividade como sendo um fenômeno escalar, vista no contínuo, que fica condicionada por fatores sintáticos, semânticos e discursivos. Para que uma pesquisa baseada nos parâmetros estabelecidos pelos autores seja concebida, é necessário testar o verbo em dez parâmetros apresentados pelos autores. Com isso, perde-se a dicotomia transitivo x intransitivo, uma vez que se passa a falar com Hopper e Thompson (1980) em transitividade alta ou baixa, em função do número de parâmetros aplicados nas orações onde ocorrem os verbos. Nessa perspectiva, a Transitividade oscila entre alta e baixa, como demonstraremos a seguir:

COMPONENTES	ALTA TRANSITIVIDADE	BAIXA TRANSITIVIDADE
Participantes	Dois ou mais	Um
Cinese	Ação	Não ação
Aspecto	Perfectivo	Não Perfectivo
Pontualidade	Pontual	Não pontual
Intencionalidade do sujeito	Intencional	Não intencional
Polaridade da oração	Afirmativa	Negativa
Modalidade da oração	Realis	Irrealis
Agentividade	Agentivo	Não agentivo
Afetamento de O	O totalmente afetado	O não afetado
Individualização de O	O individuado	O não individuado

**Quadro 1: Parâmetros de transitividade de Hopper e Thompson (1980)**

Hopper e Thompson (1980) explicam cada parâmetro da seguinte forma: (1) uma ação só pode ser transferida se houver, pelo menos dois participantes: A e O (*Julia beijou Carlos versus Julia saiu*); (2) ações podem ser transferidas de um participante para outro, enquanto que estados, não (*Maria acariciou João versus Maria demonstra tristeza*); (3) uma ação vista do seu ponto final é mais efetivamente transferida para um paciente do que uma ação vista em desenvolvimento (*Carolina caiu*

## XIX CONGRESSO NACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOLOGIA

*escada abaixo versus Carolina está caindo da escada*); (4) ações finalizadas sem uma fase de transição óbvia entre o início e o fim têm um efeito marcadamente maior do que ações inerentes contínuas (*Maria chutou a bola de futebol versus Maria carregou a bola de futebol*); (5) Quando A age intencionalmente, a ação se dá mais efetivamente do que quando não há uma intenção definida (*João lavou a louça versus João esqueceu de lavar a louça*); (6) a polaridade refere-se à distinção entre afirmação e negação, sendo a afirmação mais efetiva do que a negação (*Vera quis ser agradável ao servir o chá versus Vera não quis ser agradável ao servir o chá*); (7) uma ação que não aconteceu, ou que é descrita como ocorrendo no plano irreal, é menos efetiva do que uma que ocorreu ou que corresponde a um evento no plano real (*Carlos graduará este ano versus Talvez Carlos gradue este ano*); (8) participantes com maior potencial de agentividade podem transferir uma ação mais efetivamente do que participantes com potencial menor de agentividade (*Carla me feriu versus Sua grosseria me feriu*); (9) a transferência de uma ação ocorre em maior grau se o paciente for totalmente afetado (*Luiza bebeu o café todo versus Luiza bebericou o café*); (10) uma ação pode ser efetivamente transferida para um paciente individuado do que para não individuado (*João ama seu pai versus João ama doces*). Hopper e Thompson (1980) desdobram esse último traço em outros 6:

Individuado	Não individuado
Próprio	Comum
Humano, animado	Inanimado
Concreto	Abstrato
Singular	Plural
Contável	Incontável
Referencial, definido	Não referencial

Quadro 2: Propriedades da individualização por Hopper e Thompson (1980)

### 3. *Análise de dados*

(1)

Da estrutura, a arquiteta retirou todos os antigos armários, luminárias, janela, porta de ferro, piso, azulejos das paredes, bancada e mesa. E ainda mudou geladeira, fogão e pia de lugar.

Fonte: <<http://www.campograndenews.com.br/lado-b/arquitetura-23-08-2011-08/reforma-faz-da-cozinha-onde-ninguem-queria-ficar-a-atracao-da-casa-de-mineira>>. Acesso em: 24-02-2015.

O exemplo (1) foi coletado de um *site* que aborda diferentes curiosidades sobre a terra de Campo Grande, uma de suas colunas fala sobre arquitetura, de onde o primeiro exemplo foi coletado. Postado por Paula Maciulevicius, em fevereiro de 2015. O verbo “mudar”, na perspectiva da gramática de valências, comporta-se como verbo de ação-processo. O sujeito sintático “Arquiteta”, nesse caso, assume o papel semântico de agentivo, caracterizando-se como [+humano], [+intencional] e [+volitivo], visto que houve intenção ao agir e teve controle sobre sua ação. Tem como complemento: geladeira, fogão e pia de lugar. É um verbo trivalente.

A aplicação dos parâmetros de Hopper e Thompson (1980) ao exemplo pode ser observado a seguir:

Participantes	+
Cinese	+
Aspecto	+
Pontualidade	+
Intencionalidade	+
Polaridade	+
Modo	+
Agentividade do Sujeito	+
Afetamento do O	+
Individualização do O	-
Total de traços positivos [+]	9

No que tange à individualização do objeto, consideramos negativo, uma vez que se trata de objetos: geladeira, fogão e pia de lugar, com as seguintes características: concreto, singular e contável com baixa individualização.

(2)

Marie *mudou* sua sala de consultas do sudoeste para o noroeste e dispôs as cadeiras, de modo que ficasse sentada para o sudeste, e os clientes ficassem voltados para o oeste.

**Disponível em:**

**<<https://books.google.com.br/books?id=zNYGbfh3wkC&pg=PA117&lpg=PA117&dq#v=onepage&q&f=false>>, p. 117. Acesso em: 24-02-2015.**

O exemplo (2) foi coletado de um livro, que se propõe a falar sobre negócio e dar dicas de “como construir uma carreira gratificante”. Publicado por Simon Brown em 2000. O verbo “mudar”, segundo os preceitos da gramática de valências, comporta-se, assim como o primeiro



## XIX CONGRESSO NACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOLOGIA

exemplo, como um verbo de ação-processo. O sujeito sintático Marie é codificado semanticamente como agentivo por ter traços: [+humano], [+intencional] e [+volitivo]. Contém como complemento: sua sala de consultas, a origem: do sudoeste e a Meta: para o noroeste. É um verbo tetravalente.

Os parâmetros de Hopper e Thompson (1980) aplicados são representados pelo que é evidenciado no quadro a seguir:

Participantes	+
Cinese	+
Aspecto	+
Pontualidade	+
Intencionalidade	+
Polaridade	+
Modo	+
Agentividade do Sujeito	+
Afetamento do O	+
Individualização do O	-
Total de traços positivos [+]	9

No que tange à individualização do objeto, consideramos negativo, uma vez que se trata de objetos: sua sala de consultas, com as seguintes características: concreto, singular, contável e referencial, por isso configura-se como individualização média, uma vez que de seis traços que caracterizam o parâmetro em questão podem ser observados.

(3)

A cantora, que mora no Reino Unido, revelou que decidiu se *mudar* para Nova Iorque no ano que vem.

**Disponível em:** <<http://www.disney.com.br/radiodisney/drops/1018/jessie-j-se-mudara-para-nova-iorque>>. Acesso em: 28-02-2015.

O exemplo (3) foi coletado de um *site* que, além de rádio, fornece curiosidades sobre as celebridades. Publicado em 2013. O verbo “mudar”, nesse caso, encontra-se no infinitivo. “Decidiu” tem um agente e um objeto sentencial, “mudar” não tem um agente gramaticalmente expresso. Tem como complemento: se mudará para Nova Iorque. Não se aplica a valência, nesse caso, porque o verbo “mudar” está dentro de uma locução verbal, as locuções não foram contempladas pela gramática de valências.

Seguindo os parâmetros de Hopper e Thompson:

Participantes	-
Cínese	-
Aspecto	-
Pontualidade	-
Intencionalidade	-
Polaridade	+
Modo	-
Agentividade do Sujeito	-
Afetamento do O	-
Individualização do O	-
Total de traços positivos [+]	1

Com relação ao exemplo (3), algumas observações fazem-se necessárias, a partir das quais podemos compreender melhor o funcionamento do verbo "mudar", objeto deste artigo. A natureza do *site* que, dentre suas funções está a de apresentar curiosidades sobre celebridades, por exemplo, tem que ser considerada. Há, dessa forma, uma reprodução da opinião da cantora, em que indubitavelmente quem a reescreveu pode ter eleito o verbo "revelar", com vistas a conferir a uma suposta decisão um *status* de importância, que a "curiosidade" em si não tem. Nesse sentido, vale a pena observar: (i) o verbo "revelar" que significa "fazer conhecer (o que era ignorado ou secreto)", antes ninguém sabia do plano da cantora Jessie J; (ii) o verbo "decidir", empregado no sentido de "resolver". Ademais, é mister afirmar que o fato de lançar a informação, parece criar uma certa expectativa para os fãs da cantora, sem que haja garantia de sua efetiva realização. Isso pode ter contribuído para baixa transitividade do verbo "mudar" dentro desse contexto de uso.

(4)

*Mudei* as orquídeas de vaso, estão bonitas, mas não florescem. Adubo uma vez a cada 15 dias e nada. Orquídea demora tanto assim para dar flor?

**Disponível em:**

**<<http://www.minhasplantas.com.br/duvidas/orquideas/151>>. Acesso em: 27-02-2015.**

O exemplo (4) foi coletado de um *site* que fornece informações e esclarece dúvidas a respeito de plantas. Postado por Veridiana Menezes. O verbo "mudar" está na primeira pessoa do pretérito do indicativo. O sujeito oculto "eu" assume o papel temático de agente. Possui como complemento: as orquídeas de vaso. É um verbo trivalente, uma vez que tem três casas preenchidas: Argumento 1 - "eu" e Argumento 2: as orquí-

## XIX CONGRESSO NACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOLOGIA

deas e Argumento 3: de vaso. Embora, não estejam explícitos: os argumentos Origem e Meta, podemos inferir que foi retirada de um vaso e replantada em outro.

De acordo com os parâmetros de Hopper e Thompson:

Participantes	+
Cinese	+
Aspecto	+
Pontualidade	+
Intencionalidade	+
Polaridade	+
Modo	+
Agentividade do Sujeito	+
Afetamento do O	+
Individualização do O	-
Total de traços positivos [+]	9

A oração em que o verbo "mudar" está inserido apresenta-se com alta transitividade, havendo apenas um traço entre os dez parâmetros de Hopper e Thompson (1980) que caracteriza-se negativamente. Isso se dá, porque o objeto embora concreto e contável, os outros elementos que codificam a alta individualização do objeto não estão presentes.

#### 4. Considerações finais

Como foi dito anteriormente, este artigo discute, analisa e explica a transitividade do verbo "mudar", adotando os parâmetros de transitividade de Hopper e Thompson (1980) e a proposta de gramática de valências de Borba (1996).

Na perspectiva valencial (BORBA, 1996), "mudar" comportou-se como verbo de ação-processo, nos excertos (1), (2) e (4). O *corpus* de pesquisa se constituiu em *sites* da *web*, tais como relatos pessoais, reclamações, curiosidades, *etc.* Dos quais foram escolhidos quatro para compor este artigo.

No decorrer do processo de análise, encontramos uma discrepância entre o esquema genérico [X1 + V ± X2 + Loc-Or + Loc-Met] e os contextos em que o verbo "mudar" se encontra, nem sempre nos dados que analisamos, encontramos Loc-Or e o Loc-Met. Em algumas ocorrências, esses elementos são recuperáveis no contexto, visto que houve ocorrência em que apenas o elemento Loc-Or estava presente, enquanto em outros apenas o Loc-Met. Nos exemplos aqui apresentados, em (1), po-

demos inferir que a mudança dos objetos se deu dentro dos ambientes de que cada objeto faz parte. Em (2), estão presentes todos os argumentos do verbo "mudar", inclusive o Loc-Or e o Loc-Met. Essa realização não foi muito recorrente nos dados analisados. Isso parece estar diretamente ligado tanto à natureza do assunto a ser tratado, do tipo de texto, quanto aos usuários da língua envolvidos na interação.

Vale ressaltar também que a transitividade oscilou nos exemplos coletados, presume-se que em: (3) o fato do autor apresentar determinada informação criando, possivelmente, uma grande expectativa para os fãs da cantora sem dispor de uma certeza da realização do que foi divulgado, pode ter tido contribuição para que a oração com o verbo "mudar", dentro desse contexto, assumisse uma baixa transitividade. Entretanto, nos exemplos: (1), (2) e (4), as orações mostram-se altamente transitivas, uma vez que numa escala de transitividade que varia de 0 a 10, as orações em questão situam-se próximas do grau 10.

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BECHARA, Evanildo. *Moderna gramática portuguesa*. 37. ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2005.

BORBA, F. S. *Uma Gramática de valências para o português*. São Paulo: Ática, 1996.

HOPPER, P. J.; THOMPSON, S. A. Transitivity in grammar and discourse. *Language*. Baltimore, vol. 56, n. 2, 1980.

IGNÁCIO, Sebastião Expedito. *Análise sintática em três dimensões: uma proposta pedagógica*. 2. ed. São Paulo: Ribeirão, 2002.

ILARI, R.; BASSO, R. M. O verbo. In: CASTILHO, A.; NEVES, M. H. de M. (Orgs.). *Gramática do português falado no Brasil: classes de palavras e processos de construção*. Campinas: UNICAMP, 2008.

\_\_\_\_\_; \_\_\_\_\_. O verbo. In: ILARI, Rodolfo; NEVES, M. H. de M. *Gramática do português culto no Brasil*. Campinas: Unicamp, 2008.

LIMA, C. H. da Rocha, *Gramática normativa da língua portuguesa*. 48. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2007.

MARTELOTTA, MÁRIO. Funcionalismo. In: WILSON, Victória; MARTELOTTA, Mário; CEZARIO, Maria Moura. (Orgs.). *Linguística: fundamentos*. Rio de Janeiro: CCAA, 2006.

## **XIX CONGRESSO NACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOLOGIA**

MARTELOTTA, M. E; AREAS, E. K. A visão funcionalista da linguagem no século XX. In: CUNHA, M. A. Furtado da; OLIVEIRA, M. R.; MARTELOTTA, M. E. (Orgs.). *Linguística funcional: teoria e prática*. Rio de Janeiro: FAPERJ/DPGA, 2003.